

A ARGUMENTATIO DE SÊNECA NAS CONSOLATÓRIAS: *O uso dos preceitos e os exemplos*

ERICK MESSIAS COSTA OTTO GOMES

Doutorando em História (UFG)

Bolsista CAPES

erick.otto@bol.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena, UFG

RESUMO

O texto consolatório tinha por pretensão apaziguar ou extirpar o sofrimento causado por alguma dor (tais como a morte de entes queridos, doença ou desterro) e, para tanto, seus autores se valiam de bons e maus exemplos de indivíduos que passaram por situação parecida, bem como de preceitos filosóficos que fariam o destinatário refletir racionalmente a respeito da dor que os afligiam. Apresentaremos, assim, as três consolatórias de Sêneca, *ad Polybium*, *ad Marciam* e *ad Heluiam*, nas quais o filósofo desenvolveu seus argumentos de modo a incitar os destinatários a agirem de forma socialmente aceita diante de determinada dor. Dessa forma, iremos mostrar, nesse artigo, como Sêneca desenvolve argumentos em suas consolatórias com o objetivo de exortar seus leitores ouvintes a mudarem seus comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE

Consolatórias; Preceitos; Exemplos; Sêneca; Dor.

ABSTRACT

The consoling texts were intended to appease or eradicate the suffering caused by some pain (such as death, illness or exile of loved ones) and for this purpose, the authors used good and bad examples of individuals who had a similar situation, as well as philosophical precepts to make the receiver rationally reflect on the pain he was feeling. Thus, we will present the Seneca's three Consolatory works, *ad Polybium*, *ad Marciam* and *ad Heluiam*, in which the philosopher developed his arguments to incite recipients to act in a socially accepted way in the face of a particular pain. Therefore, in this article we will show how Seneca develops her arguments in the consolations, to urge her readers and listeners to change their behaviours.

KEYWORDS

Consolations; Precepts; Examples; Seneca; Pain.

INTRODUÇÃO: *a consolatória como remédio da alma*

Ao estudarmos os textos consolatórios de Sêneca, devemos nos remeter às concepções do filósofo acerca das ações dos enlutados, isto é, os comportamentos frente à perda de entes queridos. Nosso olhar para a *consolatio* nesse artigo diz respeito ao seu conteúdo, ou seja, a construção do argumento do autor com o intuito de convencer seu leitor a combater as dores que o afligiam. Ora, ao pensarmos a narrativa senequiana, sabemos que um conjunto de princípios estoicos conduziu o desenvolvimento de suas exortações. Sob a ótica do estoicismo, o mundo seria governado pela providência de uma divindade benevolente, racional por excelência. Por sua vez, cada pessoa possuía em si um fragmento dessa substância divina, pois “a razão não é outra coisa senão a parcela do espírito divino inserida no corpo do homem” (Sen. *Ep.* 66.12).¹

Com base em tais pressupostos, para Sêneca o objetivo do homem era pôr a razão individual em conformidade com a razão cósmica (CAROÇO, 2011, p. 33). Combater a *aegritudo*, isto é, o desgosto ou aflição, incluiria três motivos: primeiro, a aflição era uma emoção irracional, portanto, não estava conforme a natureza divina; em segundo lugar, muitas das circunstâncias que eram motivo de tristeza não eram males reais, mas indiferentes, e não deveriam, por si só, provocar uma *aegritudo*; por fim, deixar-se levar por uma *dolor* traria consequências não só àquele que se entrega a tal paixão, mas também à toda comunidade. Agir de modo racional, não se deixando levar pelas aflições advindas da *dolor*, manteria o indivíduo integrado na *societas*. Se, ao contrário, este fosse tomado pelas paixões, estaria agindo contra a própria natureza, a própria razão cósmica, podendo acarretar um desequilíbrio que afetaria negativamente a comunidade. Compreendemos, com isso, que a *aegritudo* tornou-se, de fato, a justificativa para a escrita dos textos consolatórios, uma vez que consolar seria exortar o destinatário a eliminar a raiz dessa dor. Para tanto, Sêneca se vale dos remédios adequados a cada situação com o objetivo de eliminar as emoções negativas, *perturbationi animi*.

A este respeito, Cícero nos mostra como as diferentes escolas filosóficas desenvolveram argumentos próprios para remediar as dores da alma: dizer que o dito mal não existe em absoluto; que não se trata de um grande mal; desviar a atenção para os bens; ou mostrar que não se sucedeu nada inesperado (*cf.* Cic. *Tusc.* 3.76). Ainda assim, combinar argumentos de diversos tipos parece ser a estratégia mais eficaz, isto porque,

¹ “*Ratio autem nihil aliud est quam in corpus humanum pars divini spiritus mersa*”.

Há também quem reúne todas as formas de consolação, pois um reage a uma forma e outro a outra, quase do mesmo modo que eu, em minha Consolação, tenho reunido todas as formas em uma só consolação; minha alma estava em realidade inflamada e eu tentei de toda forma curá-la. (Cic. *Tusc.* 3.76 – Trad. de Bruno Fregni Bassetto).²

Assim como em Cícero, na língua latina, de modo geral, as consolações conservadas revelam que a forma eclética da *consolatio* é praticamente a única existente (REDONET, 2001, p. 64). Da mesma forma, em Sêneca, podemos observar esse amálgama de argumentos: não importa a duração da vida, mas sua qualidade (Sen. *Ep.* 93.8); prolongar o luto é inútil (Sen. *Pol.* 2.1); o exílio é apenas uma mudança de lugar (Sen. *Helu.* 7.1); o filho de Márcia, ao morrer, se libertou de todos os possíveis males que poderiam o acometer (Sen. *Marc.* 20.6); se deve procurar motivos para se sentir contente consigo mesmo (Sen. *Ep.* 78.21); todos os homens são mortais (Sen. *Ep.* 63.15) e devemos nos preparar para o inevitável (Sen. *Ep.* 99.8).

Por este fato, compreendemos que as consolações latinas são direcionadas, principalmente, para aqueles que lidam com a perda de um ente querido³. Das que sobreviveram, a *consolatio mortis* é o tipo mais comum de consolatória. No entanto, havia outros tipos de consolações escritas, dentre elas a *consolatio exilii* (Sen. *Helu.*) e a *consolatio infirmitate* (Sen. *Ep.* 78). Nas *Tusculanas*, de Cícero, podemos buscar uma referência para a variedade temática da consolatória antiga. De acordo com o autor,

Mas já lidamos com essa forma de aflição, que é a mais grande (*sic*) de todas⁴, de maneira que, uma vez eliminada, pensamos que não devemos nos esforçar em demasia em buscar os remédios para as restantes. Para a pobreza, para a vida isenta de honras e glória, muitas vezes são usados argumentos estereotipados; existem também exposições filosóficas particulares consagradas ao exílio, à destruição da pátria, à escravidão, à fragilidade e à cegueira, a toda circunstância a qual se pode aplicar o nome de calamidade (Cic. *Tusc.* 3.81 – Trad. de Bruno Fregni Bassetto).⁵

2 “Sunt etiam qui haec omnia genera consolando colligant — alius enim alio modo movetur —, ut fere nos in Consolatione omnia in consolationem unam coniecimus; erat enim in tumore animus, et omnis in eo temptabatur curatio”.

3 O tema do luto é tratado nas seguintes consolationes em prosa: Sêneca, *Marc.*; *Polyb.*; *Ep.* 63; 93; 99; Plutarco, *Ad Apollonium*; *Ad uxorem*. Em verso, temos a *Consolatio ad Liuiam* e também as *Siluae* de Estácio (2.1; 2.6; 3.3; 5.1 e 5.5).

4 Aqui, Cícero refere-se à “aflição que implica sofrimento”, isto é, a falta de sabedoria (Cic. *Tusc.* 3.68). O autor parte de uma ideia genuinamente estoica segundo a qual a falta de sabedoria seria a principal causa das aflições para o homem. Critica ainda aos que não lamentam a falta da sabedoria e, ao mesmo tempo, o comportamento dos mesmos ao tratarem os efeitos e não as causas de seu sofrimento.

5 “Tractatum est autem a nobis id genus aegritudinis, quod unum est omnium maxumum, ut eo sublato reliquorum remedia ne magnopere quaerenda arbitraremur. Sunt enim certa, quae de paupertate, certa, quae de vita inhonorata et ingloria dici soleant; separatim certae scholae sunt de exilio, de interitu patriae, de servitute, de debilitate, de caecitate, de omni casu, in quo nomen poni solet calamitatis” (Cic. *Tusc.* 3.81)

Como podemos observar na carta ciceroniana, os textos consolatórios possuíam uma variedade de *remedia*, de modo a combater males específicos para cada tipo de sofrimento. Sêneca também partilhava desse conhecimento, uma vez que afirma que “os antigos inventaram os remédios adequados aos males da alma, mas cabe-nos averiguar o modo e a ocasião em que eles devem ser aplicados” (Sen. *Ep.* 64.8).⁶ A *consolatio mortis*, assim, seria apenas um tipo dentre vários outros nos quais filósofos e escritores buscavam consolar aqueles que eram acometidos por quaisquer tipos de aflições. Como nos informa Cícero (Cic. *Tusc.* 3.81), os gregos possuíam livros particulares para cada uma dessas questões e, tais como os médicos, os filósofos tratavam os males da alma específicos com os respectivos *remedia*.

Apesar dessa variabilidade de temas, as consolatórias de Sêneca possuíam uma estruturação de conteúdo mais ou menos coerente. A *consolatio* poderia adaptar-se tanto à epístola quanto ao tratado e, em termos gerais, as semelhanças entre as duas formas de *consolatio* se davam ao nível do *exordium* e do setor central, havendo maiores diferenças entre o final da carta e a *conclusio* do tratado (CAROÇO, 2011, p. 30). Novamente, é em Cícero que podemos buscar mais detalhes a respeito da estrutura geral das consolações no que se refere ao seu conteúdo. Citemos *in extenso*:

Nas consolações, portanto, o primeiro remédio será demonstrar, ou que não existe nenhum mal ou que é um mal muito pequeno, o segundo consistirá em tratar da condição comum da vida e em particular, se é que tem algo de específico, da condição do que sofre; o terceiro será indicar que é absurdo extremo deixar-se consumir inutilmente pela dor, embora se entenda que nenhum benefício é obtido. (Cic. *Tusc.* 3.77 – Trad. de Bruno Fregni Bassetto).⁷

Aqui, notamos três partes distintas da *consolatio*, apesar de interligadas: primeiramente, intenta demonstrar ao leitor que os males que o afligem não existem ou são ínfimos; em segundo lugar, abordar as condições específicas do destinatário para que o remédio possa servir-lhe melhor; e em um terceiro momento, exortar o consolado a deixar de sentir a dor que o aflige. Tais *remedia* são aplicados por Sêneca ao longo de cada consolação. Em *ad Helviam* há uma marcada preeminência da primeira característica, isto é, demonstrar que o desterro não é um mal; em *ad Marciam* e *ad Polybium* há uma maior consideração da segunda e terceira característica, respectivamente.

Entendemos que as consolações de Sêneca possuem uma disposição semelhante: primeiro, uma introdução na qual o autor anuncia o mal que pretende sanar e o tratamento que vai aplicar; depois, a consolação propriamente dita, a qual se divide geralmente em duas partes, consagrada primeiro ao afligido e, depois, à causa

⁶ “*Animi remedia inventa sunt ab antiquis; quomodo autem admoveantur aut quando nostri operis est quaerere*”.

⁷ “*Erit igitur in consolationibus prima medicina docere aut nullum malum esse aut admodum parvum, altera et de communi conditione vitae et proprie, si quid sit de ipsius qui maereat disputandum, tertia summam esse stultitiam frustra confici maerore, cum intellegas nihil posse profici*.”

da aflição; por fim, uma conclusão termina a obra. Apesar desse esquema parecer rígido, as cartas consolatórias de Sêneca trazem características únicas, haja vista a necessidade do destinatário e o contexto político no qual o autor está inserido. Aqui, existe a intenção do filósofo em atingir um público que supera o destinatário propriamente dito e, com isso, transmitir mensagens e comunicar ideias que variam conforme o momento em que cada carta é escrita. Visto deste modo, parece-nos pertinente inferir que as cartas consolatórias, estruturam-se de acordo com o esquema de Cícero, uma vez que Sêneca mostra como os males são indiferentes (e.g. Sen. Ep. 63.13; 78.7; 93.12), sempre trata das condições da aflição do destinatário e, por fim, também os exortam a eliminarem as dores (e.g. Sen. Ep. 78.4; 93.2; 99.16). Guiando-nos pelas perspectivas de Celestino (1998, p. 77-78), consideramos que as características gerais acerca da estrutura da *consolatio* seriam, pois: 1) um conjunto de tópicos filosóficos de natureza consolatória; 2) um discurso retórico em que se combinam tais tópicos; 3) argumentos teóricos (*praecepta*) apoiados por exemplos (*exempla*) a imitar; 4) epístola que é dirigida a uma pessoa afetada por uma adversidade, seja a morte, o desterro ou a doença.

DESCRIBÇÃO EMPÍRICA DAS CONSOLATÓRIAS DE SÊNeca

A partir do exposto acima destacamos as características estruturais e de conteúdo presentes em cada *consolatio* de Sêneca. Sendo assim, a *Consolatio ad Marciam* foi escrita em ocasião do luto de três anos demonstrado por Márcia em função da perda de seu filho Metílio. Márcia representava uma matrona romana, era filha do historiador Aulo Cremucio Cordo. A morte de seu pai foi instigada por Sejano e decretada pelo imperador Tibério em decorrência do desconforto político gerado a partir de suas ideias republicanas. Logo, Cremucio Cordo representaria a *libertas*, a qual deveria ser perpetuada ao longo do tempo (Sen. Marc. 1, 4). Sêneca acentua Márcia como uma mulher cuja força lhe permitiu superar as dores e obstáculos da vida. É a partir dessa característica que Sêneca a consola, já que, para o filósofo, a memória daqueles que partem devem ser mantidas e rememoradas. Trata-se aqui, de transformar a dor da perda, de modo a não se tornar alguém atormentado e consumido pela angústia. Nota-se, portanto, que a aflição de Márcia se centrava na não compreensão da natureza humana, uma vez que, ao nascermos, já estaríamos fadados inevitavelmente à morte. Desse modo, vida e morte constituem um ciclo natural. Sendo assim, qual seria, então, o alívio de Márcia? Para Sêneca, Márcia deveria valorizar o filho recordando-o por suas qualidades e não pelo tempo em que ele viveu. Isto é, em suma, o que Sêneca recomenda a Márcia, que chora excessiva e inconvenientemente por seu filho Metílio: moderar o sentimento da dor e dominá-la, porque a dor nada nos retorna. É interessante mencionar que, mesmo sendo um jovem, Metílio cumpriu seus deveres como pai e sacerdote (*cito pater (...) cito sacerdos* (Sen. Marc. 12, 3), fato que possibilitaria uma possível carreira pública. A morte poderia, assim, representar

um livramento de todos os malefícios, inclusive aqueles associados ao domínio político (OMENA, 2018, p. 157). Teríamos, com isso, uma *mors opportuna* (Sen. *Marc.* 19,2; 19,3). Neste eixo argumentativo, consideramos que a *consolatio* apresenta a seguinte estrutura temática: Exordio (1): Sêneca escreve à Mária por conhecer suas qualidades morais e coragem demonstrada após a morte de seu pai; *Exempla* (2-5): o autor aborda os exemplos de duas mulheres: Otávia, inconsolável pela morte de Marcelo, e Lívia, que superou a morte de seu filho, Druso. Do ponto de vista de sua estrutura textual, divide-se em: preceitos gerais (6-11); situação de Mária (12-19.3); causas de sua aflição (19.4-25) e *conclusio* (26).

Por sua vez, a *Consolatio ad Polybium* tem como destinatário o liberto do imperador Cláudio, já que possuía grande influência na corte (CELESTINO, 1998, p. 76). Esta consolação visa confortar Políbio pela morte de seu irmão, cujo nome não é mencionado. Sêneca inicia seu consolo à Políbio ao colocar, em destaque, a natureza perecível de todas as coisas, as quais estariam destinadas a se decompor e sucumbir de acordo com a lei inexorável da natureza (Sen. *Pol.* 1,1). Como parte deste diálogo, Sêneca menciona que a morte de um ente querido não é mais do que uma antecipação do que necessariamente também alcançará quem, ainda vivo, lamenta sua perda (Sen. *Pol.* 2,1). Portanto, quem morre não nos abandona, mas nos precede. O filósofo também lembra Políbio que sua dor, de forma prolongada, tornar-se-ia inútil (Sen. *Pol.* 18, 6). Compreendemos, com isso, que Sêneca exige sensibilidade de Políbio, quer dizer, a atitude pautada em uma mente sensível, não em uma mente perturbada pela dor da perda. Representava um dever controlar a reação emocional exorbitante, isto é, uma aflição excessiva, um choro sem fim. Nesse sentido, parece-nos pertinente inferir que Políbio não deveria ser apenas um exemplo para seus outros irmãos vivos, submetidos à mesma adversidade, mas, sobretudo, deveria ser um exemplo para sua própria esposa e filho. Por outro lado, Sêneca também lembra que ele deve lembrar-se de sua posição pública, por isso não deve ceder aos estímulos da dor (Sen. *Pol.* 6,1).

Assim, compreendemos que a estrutura temática da *Consolatio ad Polybium*, pode, segundo nosso entendimento, ser apresentada da seguinte forma: 1) a *exordio* não nos é dada a conhecer, devido a uma lacuna no texto; 2) referência sobre o comportamento de Políbio: neste momento do texto é destacado que Políbio não deve continuar chorando a morte do irmão (1-8), pois a morte é a lei do universo e o choro não serve de nada. A função de Políbio na sociedade o obriga a ser exemplo de integridade. Para tanto, ele deve pensar no imperador e entregar-se às suas funções públicas; 3) sobre a morte, haja vista que está em si não é uma desgraça (9-12): a morte não deve ser motivo de choro. Políbio deve consolar-se pensando no tempo que desfrutou na presença de seu irmão. A morte é inevitável e o motivo máximo de consolo deve ser estar ao serviço do imperador; 4) apresenta-se, nesta sequência, o elogio e a súplica à Cláudio (13-27): prosopopeia do imperador e exemplos de outros grandes personagens a se imitar; 5) por último temos a *conclusio* (18) do conteúdo da *consolatio*.

Destacaremos também a consolatória à Hélvia, a qual, embora não trate diretamente do luto, contém uma estrutura similar às outras consolações e, além disso,

compara o desterro à morte, de modo que Sêneca consola sua mãe. Nesta consolatória, Sêneca tem por objetivo abrandar o sofrimento de sua mãe Hélvia em decorrência de seu próprio banimento para a Córsega. Segundo nossas hipóteses, o filósofo ao escrever a *Consolatio ad Heluiam matrem* teria o intuito de tornar o seu exílio mais tolerável, isto é, continuar presente na memória para não cair no esquecimento ou obter a sua reabilitação para, com isso, regressar à Roma. Nesta direção, Sêneca, ao consolar Hélvia, aconselha-a a incorporar o seu papel de avó; por esse motivo, convida-a à companhia dos netos Marcos e Novatila (Sen. *Helu.* 18,5-7). Com o intuito de tranquilizá-la e prosseguir com o alívio de seu sofrimento, Sêneca diz à mãe que não sofra, porque a natureza estabeleceu que a vida boa e feliz não requer grandes preparações ou meios excepcionais. Em razão disso, o filósofo afirma que a amargura acentuaria ainda mais a distância ocasionada pelo exílio. Conclui, portanto, que aquilo de bom que um ser humano tem é uma propriedade dele mesmo, não poderia ser retirada com o afastamento/distância. Diríamos, assim, que a mudança de lugar físico não implicaria – nem deveria – uma mudança naquele que possui o espírito virtuoso, a sua memória persiste. Sendo assim, em nosso entendimento, a *Consolatio ad Heluiam matrem* possui a seguinte estruturação: Exórdio (1-3): Sêneca se propõe a consolar sua mãe, triste pelo exílio do filho, recordando todos os infortúnios que ela tem sofrido e, se superou os outros, superará este; a *consolatio* propriamente dita: 1) Demonstração de que Sêneca não é um exilado (5-13): o exílio nada mais é que uma mudança de lugar e a natureza é a mesma em todas as partes e, ao mudar as moradias, as virtudes acompanham o filósofo; 2) Consolação à Hélvia (14-19): sua dor só poderia ter duas causas, ou a perda do filho, ou a saudade, sendo esta legítima, mas que demonstraria sinal de fraqueza. Hélvia deve mostrar tenacidade, e será de grande ajuda o estudo da filosofia; 3) e por fim, a *conclusio* (20), neste momento Sêneca, reitera que não é exilado e seu espírito, livre de preocupações, se entrega aos estudos, sobretudo dos fenômenos naturais.

■ O USO DE PRECEITOS E EXEMPLOS NAS CONSO- LATÓRIAS DE SÊNECA

A partir do exposto acima, acerca da estrutura e da descrição empírica das *consolationes* senequianas, compreendemos que uma discussão que coloque em destaque seu conteúdo torna-se imprescindível. É neste sentido que nos debruçaremos, a partir de agora, na relação intrínseca entre a retórica e a filosofia. A retórica aparece como forma de dispor o conteúdo e articulá-lo, enquanto a filosofia se mostra nos preceitos levados ao leitor-ouvinte. Tendo então visto como se estrutura a *consolatio* a partir de sua função e sua forma, vejamos, agora, o modo como seu conteúdo é articulado para que o texto atinja seu objetivo principal, qual seja, eliminar a dor do consolado.

Como dissemos, o principal objetivo da escrita consolatória seria exortar o destinatário a eliminar a dor que o afligia. Uma dor excessiva pela morte de alguém, pela

doença ou pela distância de um ente querido era reprovável e dependia apenas da vontade do afligido; desse modo, suportar qualquer infortúnio dependia em grande medida do comprometimento daquele que sofre (REDONET, 2001, p. 283). Como argumentamos, morrer tornava-se, então, uma ação representativa e, como produto social, a escrita senequiana a convertia em dispositivo retórico. Com isso, criava-se debates e diálogos acerca das incoerências sociais, possibilitando reflexões sobre os comportamentos considerados desviantes (KER, 2009, p. 68).

Em vista disso, as consolações sempre possuem uma *exhortatio* à pessoa afligida, incentivando-a a lidar com a dor. A esse respeito, Sêneca, ao exortar Lucílio, ainda destaca a importância da exortação para o processo de eliminar alguma aflição. Em suas palavras:

Não comeces tu a fazer os teus males mais graves do que são e a afligires-te com queixas. Toda a dor é ligeira quando não a julgamos a partir da opinião comum. Se, pelo contrário, começares a exortar-se a ti mesmo e a dizer: “Isto não é nada, ou pelo menos não é nada de importância! O que é preciso é paciência! Isto passa já!” – pelo próprio fato de considerares ligeiras as tuas dores já estás a torná-las de fato ligeiras. (Sen. *Ep.* 78.13 – Trad. de J. A. Segurado e Campos).⁸

Em Sêneca, os principais elementos retóricos para exortar o consolado se baseavam em dois aspectos, os *exempla* e os *praecepta*. Tais elementos, por sua vez, se dispunham no texto consolatório segundo um topos específico, isto é, primeiro os preceitos, depois os exemplos (Sen. *Marc.* 1.1). Como nos aponta Cícero,

Examinamos a natureza e a magnitude do fato em si, como fazemos com a pobreza, cujo peso conseguimos aliviar, demonstrando mediante a argumentação o quão escassas são as necessidades naturais e, abandonando as sutilezas da argumentação passamos a tratar dos exemplos (Cic. *Tusc.* 3.56 – Trad. de Bruno Fregni Bassetto).⁹

Desse modo, o texto consolatório se desenvolve a partir do problema específico a ser tratado, mas todos os textos argumentam que as circunstâncias sobre as quais o destinatário está sentindo angústia são coisas humanas, uma situação ordinária da vida.

Na consolatória à Márcia, Sêneca se vale do mesmo princípio que aparece em Cícero. O autor nos informa que, em geral, os preceitos aparecem primeiro:

8 “*Noli mala tua facere tibi ipse graviora et te querelis onerare: levis est dolor si nihil illi opinio adiecerit. Contra si exhortari te coeperis ac dicere ‘nihil est aut certe exiguum est; duremus; iam desinet’, levem illum, dum putas, facies. Omnia ex opinione suspensa sunt; non ambitio tantum ad illam respicit et luxuria et avaritia: ad opinionem dolemus*”.

9 “*Nam aut ipsius rei natura qualis et quanta sit, quaerimus, ut de paupertate non numquam, cuius onus disputando levamus docentes, quam parva et quam pauca sint quae natura desideret, aut a disputando subtilitate orationem ad exempla traducimus*”.

Sei que todos aqueles que desejam exortar alguém começam com preceitos e terminam com exemplos. Convém, de quando em quando, que esse costume seja mudado. É necessário, pois, agir de maneira diversa, segundo as diferentes pessoas: a alguns, a razão conduz; a outros, devem-se apresentar nomes ilustres e uma autoridade que não deixe o espírito livre àqueles que ficam deslumbrados pelas aparências. (Sen. *Marc.* 2.1 – Trad. de C. F. Mendonça van Raij).¹⁰

Neste excerto, Sêneca nos permite compreender como, na tradição textual da *consolatio*, os preceitos eram comumente apresentados primeiramente para o leitor-ouvinte. No entanto, vemos uma preocupação do autor em modificar tal tradição em função da necessidade específica da destinatária. Como argumentamos, Sêneca acredita que, ao utilizar-se de tal inversão, obterá mais êxito em exortar Márcia e, assim, eliminar sua dor pela perda do filho. É relevante ressaltarmos que em sua epístola 95, Sêneca informa-nos sobre a existência de um grande número de preceitos, os quais são utilizados para construir argumentos. Neste sentido, tal como se formula na referida epístola:

Se a ação moral decorre dos preceitos, então os preceitos bastam para atingir a vida feliz; ora a premissa é válida, logo, a conclusão também é. A esta tese nós objetamos: as ações morais decorrem também dos preceitos, mas não dos preceitos exclusivamente. (Sen. *Ep.* 95.6 – Trad. de J. A. Segurado e Campos).¹¹

A passagem acima coloca em evidência a função de normatizar/orientar as condutas sociais expressas nos preceitos, uma vez que podemos dizer que os *praecepta* convergem ao campo da instrução do exortado. Compreendemos, dessa forma, uma questão premente: os preceitos reavivam e renovam a memória (*praecepta... memoriam renouant*, *Ep.* 94, 21); indicam, segundo nossa opinião, aqueles argumentos de aconselhamento (*admonitiones*) que devem permanecer na memória social. Como o próprio Sêneca afirma em sua epístola 38 (1-2):

A condição dos preceitos, eu diria, é a mesma que a das sementes: produzem muito e são miúdos. Basta, como eu disse, uma mente capacitada apanhá-los e trazê-los para dentro de si. De modo recíproco, não só muito ela própria gerará, como também devolverá mais do que recebeu (Sen. *Ep.* 38.1-2 – Trad. de J. A. Segurado e Campos).¹²

10 “*Scio a praeceptis incipere omnis qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit; aliter enim cum alio agendum est: quosdam ratio ducit, quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non relinquat animum ad speciosa stupentibus*”.

11 “*‘Si honesta’ inquit ‘actio ex praeceptis venit, ad beatam vitam praecepta abunde sunt: atqui est illud, ergo et hoc.’ His respondebimus actiones honestas et praeceptis fieri, non tantum praeceptis*”.

12 “*Eadem est, inquam, praeceptorum condicio quae seminum: multum efficiunt, et angusta sunt. Tantum, ut dixi, idônea mens rapiat illa et in se trahat; multa invicem et ipsa generabit et plus reddet quam acceperit*”.

Logo, como propõe José Eduardo Lohner (2014, p. 21), Sêneca concentrou-se em utilizar meios de expressão capazes de compelir e afetar a alma de seu ouvinte, “de gerar, portanto, um efeito psicagógico, sendo adequada à enunciação de preceitos (*praecepta*) que levassem à adoção de padrões positivos de pensamento e conduta.”. Contudo, se os preceitos não fossem observados e emulados, cairiam no vazio e é neste sentido que Sêneca alude em seu discurso sobre a importância de se examinar os *exempla*. A este respeito colocamos em destaque a epístola em que Sêneca instruí Lucílio:

Devemos escolher algum homem bom e sempre tê-lo diante dos olhos, para assim vivermos como se ele nos observasse e para emprendermos todas as nossas ações como se ele as estivesse vendo. (...). Elege aquele cuja vida, cuja linguagem e o próprio rosto, onde se estampa sua alma, foi de seu agrado. Exibe-o sempre para ti como um guardião ou como um modelo (*exemplum*). É preciso, repito, alguém a quem nosso caráter possa ajustar-se (...). (Sen. Ep. 2.9-10 – Trad. de J. A. Segurado e Campos).¹³

A partir desta narrativa, percebe-se que a proposição de Sêneca é ressaltar os *exempla* enquanto um recurso, os quais deveriam ser observados e, principalmente, evocados, tendo em vista o esforço para novas condutas e comportamentos. Visto desse modo, compreendemos que a concepção senequiana sobre os usos dos *exempla* está voltada para a ascese moral, “cujo propósito ia além de simplesmente elevar a qualidade ética da vida humana, mas era motivado, sobretudo, por uma intensa aspiração de promover a ascensão da alma” (LOHNER, 2014, p. 35). Sabemos, pois, que a escrita senequiana não é orientada por uma abordagem teórica da filosofia, pois o autor usa a retórica para construção de sua argumentação racional, o que cria um efeito na ação do leitor-ouvinte. Sobre esse aspecto, Cícero afirma que “essa linha de argumentação não se limita em conhecer em que consiste a condição humana, mas indica que é possível suportar o que os outros já suportaram e estão suportando” (Cic. *Tusc.* 3.57 – Trad. de Bruno Fregni Bassetto).¹⁴ Posto isto, interessa-nos ressaltar que o requisito fundamental para Sêneca foi dispor o público ouvinte ou leitor à transformação de seu estado de ânimo e à busca de um comportamento social elevado. Portanto, consideramos que as *consolationes* apresentam seu *ethos* discursivo sob o signo da exemplaridade (CORREA, 2017, p. 100).

Os *exempla* poderiam ser antigos e/ou novos, gregos e/ou romanos, sendo possível elencar exemplos de pessoas conhecidas pelo consolador e consolado (REDONET, 2003, p. 373). Sêneca se vale sobretudo de exemplos romanos, os quais

13 “*Aliquis vir bonus nobis diligendus est ac semper ante oculos habendus, ut sic tamquam illo spectante vivamus et omnia tamquam illo vidente faciamus. (...) elige eum cuius tibi placuit et vita et oratio et ipse animus ante se ferens vultus; illum tibi semper ostende vel custodem vel exemplum. Opus est, inquam, aliquo ad quem mores nostri se ipse exigant (...)*”.

14 “*Huic igitur alteri generi similis est ea ratio consolandi, quae docet humana esse quae acciderint. Non enim id solum continet ea disputatio, ut cognitionem adferat generis humani, sed significat tolerabilia esse, quae et tulerint et ferant ceteri*”

costumavam ser fortes diante dos infortúnios, o que resultaria em continuarem com os deveres públicos mesmo com a morte recente de algum familiar mais próximo. Ademais, a distribuição dos exemplos poderia ser feita agrupando-os em listas, ou seja, acumulando um exemplo atrás do outro, ou de forma individual, conectados com algum tópico consolatório particular. Também poderiam aparecer em pares, no qual seria mostrado um exemplo positivo e outro negativo.

Sêneca, de tal modo, escreve consolatórias com características exemplar e especular, e se vale de uma utilização pragmática do passado representada como um repositório de regras para as relações consigo e para as relações com outrem. A história é evocada para orientar a conduta moral e política dos soberanos e dos súditos, por meio dos exemplos ou contraexemplos de ação individual num passado tornado monumental e ilustre (EHRHARDT, 2008, p. 84-85). Um passado que é rememorado constantemente.

De acordo com Matthew Roller (2009, p. 81), podemos compreender os *exemplas* como uma narrativa ou uma referência a alguma ação realizada por um ator social diante de sua comunidade. Tais ações e condutas são, segundo nosso entendimento, julgadas como positivas ou negativas; deste modo, compartilhadas por um determinado público espectador, pois segundo Sêneca, o Velho, o sentido pedagógico dos exemplos consiste em “com frequência [mencionar] essas frases porque tanto é preciso dar exemplos de casos a serem evitados quanto daqueles a serem seguidos” (Sen. *Contr.* 2, 4 – Trad. do espanhol de Adiego Lajara).¹⁵ É neste sentido que os *exemplas* expressam e indicam uma força normativa (ROLLER, 2009).

Sêneca afirma em sua epístola 98 (13-14)¹⁶ que “façamos nós também algo que mostre grandeza de alma; sejamos nós também um exemplo”. Compreendemos por estas palavras que os exemplos ilustram e reforçam os preceitos morais apresentados ao público e, assim dão autoridade ao texto e à fala do consolador frente àquele a quem se pretende consolar e orientar. Posto isto, interessa-nos ressaltar que os indivíduos virtuosos, representados na obra de Sêneca, tornaram-se exemplos a serem rememorados e projetados na memória pública, criando, assim, uma imagem de unidade, de pertencimento à cidade.

Assim, entendemos que os preceitos e os exemplos destacados na narrativa senequiana foram elaborados e estruturados a partir de estratégias retóricas, que permitiriam, a partir de uma elaboração textual, comunicar a narrativa com uma função social. Vê-se que o uso da retórica na *consolatio* senequiana tinha o objetivo de persuadir o leitor-ouvinte à mudança, à prática da filosofia. Em outras palavras, a arte retórica foi um mecanismo relevante utilizado na fala e na escrita, tendo um papel vital no espaço público, interferindo na vida social e política de Roma. A palavra articulada na escrita ou na oralidade possui capacidade persuasiva, mas também propriedades terapêuticas e sociais. Para tanto, parafraseamos Sêneca em sua obra *De Ira* (1, 6), com o intuito de compreendermos a relevância da palavra articulada retoricamente. Citemos *in extenso*:

¹⁵ “Haec autem subinde refero quod aequae vitandarum rerum exempla ponenda sunt quam sequendarum” (Sen. *Contr.* 2, 4).

¹⁶ “nos quoque aliquid et ipsi faciamus animose; simus inter exempla” (Sen. *Ep.* 98.13-14).

Assim, convém que o legislador e o governante de uma cidade, por mais tempo que puder, trate os temperamentos com palavras e com essas medidas mais brandas, para que lhes aconselhe o que deve ser feito e concilie em suas almas o desejo honesto e do justo, provoque o ódio aos vícios, o apreço pelas virtudes. Deve em seguida passar a um discurso mais severo, pelo qual ainda advirta e censure (Sen. *Ira*, 1.6 – Trad. de J. Eduardo Lohner)¹⁷.

A partir da argumentação de Sêneca, entendemos que a palavra, a partir dos usos retóricos, produz, em seu ato de comunicação, dois efeitos distintos, mas complementares: “os leitores/ouvintes são cognitivamente convencidos quando aceitam uma afirmação como verdadeira; e são (em seguida), persuadidos se a sua conduta ou motivação é afetada” (ALEXANDRE JÚNIOR, 2008, p. 7). Sabemos, pois, que a escrita deveria perpetuar e transmitir, com distinção, a glória dos indivíduos em um processo repetitivo. Daí considerarmos que a filosofia senequiana se estabelece e se promove por intermédio do exemplo.

Em vista destes aspectos, consideramos a consolatória como um texto que apresentava uma escrita que levava o destinatário a refletir racionalmente perante a dor que o acometia. Logo, as consolatórias de Sêneca eram uma espécie de “farmácia moral” (OMENA, 2011, p. 260), nas quais o consolador preocupava-se em socorrer aqueles que sofriam, “mesmo sem serem solicitados, com argumentos prévios e cuidadosamente preparados para combater os males que mais afligiam o homem, como a doença, a velhice, a pobreza, o exílio e, o maior deles, a morte” (VAN RAIJ, 1999, p. 14). A dor foi apresentada como um mal universal, embora tenha trabalhado de forma diferenciada em cada uma das obras (OMENA, 2011, p. 260).

Consideramos assim que a *consolatio* senequiana apresenta em sua estrutura “exortações e admoestações de caráter filosófico, que procuram persuadir o leitor a permanecer num certo estilo de vida ou, ao contrário, adotar normas de conduta diferentes” (ALEXANDRE JÚNIOR, 2008, p. 11). É, pois, no intuito de convencer e aconselhar que Sêneca construiu sua argumentação (GONÇALVES; MESQUITA, 2010, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo desses elementos, entendemos que a consolatória apresenta em sua composição alguns artifícios retóricos, os quais permitem dar ênfase a um discurso cuja finalidade seria dedicar a alguém argumentos de consolo, os quais reintegrariam o indivíduo à sua vida social; um segundo artifício seria a utilização de *exempla* no decorrer da narrativa consolatória, com o intuito de significar a consolação por meio de representações de *persona* cívicas guiadas pela prática da *virtus*, mesmo estan-

17 “Ita legum praesidem ciuitatisque rectorem decet, quam diu potest, uerbis et his mollioribus ingenia curare, ut facienda suadeat cupiditatemque honesti et aequi conciliet animis faciatque uitiorum odium, pretium uirtutum; transeat deinde ad tristiores orationem, qua moneat adhuc et exprobrat; nouissime ad poenas et has adhuc leues”.

do diante da dor. Segundo as hipóteses de James Ker (2009, p. 91-92), a *auctoritas* de uma *consolatio* encontra-se na capacidade de o autor, em sua argumentação, convencer a pessoa em sofrimento de que a dor em estado prolongado o afasta do ideal de comportamento cívico; logo, dada sua posição social, tal conduta excessiva poderia promover prejuízo à *Res Publica*.

Assim, compreendemos que a *consolatio* poderia reintegrar o destinatário à comunidade cívica, de modo a despertar-lhe a consciência da inevitabilidade da morte e dos males da fortuna e, deste modo, impor fim à tristeza. Como propõe Ker (2009, p. 92), a retórica consolatória acentuava a arte de convencimento e, portanto, poderia remodelar comportamentos sociais frente a situações hostis. Visto assim, Sêneca construiu um discurso que trabalhou e influenciou as emoções de seus destinatários, tendo em vista a busca pela moderação da dor (MANNING, 1974, p. 74-75). Segundo Manning (1974, p. 75), a habilidade de Sêneca em escrever as consolatórias consistia em decidir como e quando aplicar os *remedia animi* perante a dor de seu destinatário, ou seja, sua *argumentatio* deveria levar em consideração a posição social do indivíduo, suas relações sociais e o contexto no qual a *consolatio* é produzida. A partir do exposto, podemos definir, de modo geral, que a consolatória nos leva a reflexões sobre as representações da dor e do modo de conduzir essa dor – luto – uma vez que sua escrita levava o destinatário a refletir racionalmente perante a dor que o acometia. Nesse sentido, o texto consolatório projetava-se na normatização dos papéis sociais, haja vista que as expressões de afeto ou mesmo de dor deveriam ser conduzidas com cuidado e equilíbrio.

LISTA DE ABREVIATURAS

- Cic. *Tusc.* – *Tusculanae Disputationes* (Cícero, Discussões Tusculanas)
 Sen. *Ep.* – *Epistulae Morales ad Lucilium* (Sêneca, Cartas a Lucílio)
 Sen. *Marc.* – *Ad Marciam de consolatione* (Sêneca, Consolação a Márcia)
 Sen. *Helu.* – *Ad Helviam matrem de consolatione* (Sêneca, Consolação a Hélvia)
 Sen. *Pol.* – *ad Polybium de consolatione* (Sêneca, Consolação a Políbio)
 Sen. *Ira.* – *Ad Novatum de ira* (Sêneca, Sobre a Ira)

FONTES

- CÍCERO, M. T. *Discussões Tusculanas*. Trad. de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: UDU-FU, 2014.
- SENECA. *Moral Essays I*. Tr. by John W. Basore. London: Loeb Classical Library, 1928.
- SENECA. *Moral Essays II*. Tr. by Richard M. Gummere. London: Loeb Classical Library, 1920.
- SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales I*. Tr. by Richard M. Gummere. London: Loeb

Classical Library, 1979.

SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales II*. Tr. by Richard M. Gummere. London: Loeb Classical Library, 1970.

SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales III*. Tr. by Richard M. Gummere. London: Loeb Classical Library, 1925.

SÊNECA. *Sobre a Ira*. Sobre a tranquilidade da alma. Intr., Trad e notas de J. E. S. Lohner. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SÊNECA. *Cartas Consolatórias*. Trad. de C. F. M. Van Raij. Campinas, SP: Pontes, 1992.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad., pref. E notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, M. von. *Historia de la literatura romana desde Andronico hasta Boecio*. Vol. II. Barcelona: Herder, 1999.

_____. Sobre la lengua y el estilo de Séneca. *Myrtia*, n. 15, p. 227-245, 2000.

_____. *Seneca's Language and Style*. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 699-744, 2014.

ALEXANDRE JUNIOR, M. Eficácia retórica: A palavra e a imagem. Centro de estudos clássicos, faculdade de letras da universidade de Lisboa. *Revista Rhêtorikê*. n.1, v.0, p.1-26, 2008.

ANDRÉ, C. A. Trilhos de evasão: estratégia retórica de Séneca, nas consolações ad helviam e ad polybium. *HVMANITAS* — v. XLVII, p. 593-615, 1995.

CAROÇO, A. F. P. *'Omnia humana caduca sunt': A Consolação a Márcia de Séneca*. 208f. (Dissertação). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Clássicos. Lisboa, 2011.

CELESTINO, M. M. Las Consolaciones de Séneca. *Estudios humanísticos*. n. 20, p. 69-84, 1998.

CID LUNA, P. Materia y forma de la consolación senequiana (I). *Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos*, nº 15, p. 231-245, 1998.

_____. Materia y forma de la consolación senequiana (II). *Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos*, nº 16, p. 107-140, 1999.

CODOÑER, C. El Adversario Ficticio de Séneca. *Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea*, Tomo 34, nº 103-105, p. 131-148, 1983.

_____. Introducción. In: Séneca. *Diálogos*. Ed. C. Codoñer. Madrid: Editora Nacional, p. 7-25, 1984.

- COSTA, C. D. N. (Ed.). *Seneca*. New York: Routledge, 1974.
- DAMSCHEIN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, 2014.
- EHRHARDT, M. L. *O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do Principado a partir da História Magistra Vitae*. 228f. (Tese). Universidade Federal do Paraná. Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2008.
- EVENEPOEL, W. *The philosopher Seneca on suicide*. *Ancient Society*, v. 34, p. 217-243, 2004.
- FERRILL, A. *Seneca's Exile and the Ad Helviam: A Reinterpretation*. *Classical Philology*, Vol. 61, No. 4, p. 253-257, 1966.
- GLOYN, L. *The ethics of the family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- GONÇALVES, A. T. M. *Entre gregos e romanos: história e literatura no Mundo Clássico*. *Revista Tempo*, v. 20, p. 1-14, 2014.
- _____.; MESQUITA, F. D. G. *Atividade epistolar no mundo Antigo: relendo as cartas consolatórias de Sêneca*. *História Revista*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 31-53, 2010.
- GRIFFIN, M. T. *Imago Vitae Suae*. In: FITCH, J. G. (Ed.). *Oxford Readings in Classical Studies - Seneca*. Oxford: Oxford University Press, p. 23-58, 2008.
- _____. *Seneca: a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- GRIMAL, Pierre. *Acción y vida interior en Séneca*. *Estudios Clásicos*, Tomo 24, nº. 85, p. 81-100, 1980.
- GUNDERSON, E. *The sublime Seneca: Ethics, literature, metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- HABINEK, T. N. *Imago suae vitae: Seneca's Life and Career*. In: DAMSCHEIN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 3-32, 2014.
- INWOOD, Brad. *Reading Seneca*. *Stoic philosophy at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- KER, James. *The deaths of Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- Classical Studies*, v. 17, nº. 1, p. 49-56, 1992.
- LARSON, V. T. *Seneca and the Schools of Philosophy in Early Imperial Rome*. *Illinois Classical Studies*, v. 17, nº. 1, p. 49-56, 1992.
- MANNING, C. E. *The Consolatory Tradition and Seneca's Attitude to the Emotions*. *Greece & Rome*, Second Series, Vol. 21, No. 1, p. 71-81, 1974.
- MAYER, R. G. *Roman Historical Exempla in Seneca*. In: FITCH, J. G. (Ed.). *Oxford Readings in Classical Studies - Seneca*. Oxford: Oxford University Press, p. 299-315, 2008.

OMENA, L. M. de. Os laços entre família e morte nas consolatórias de Sêneca. In: GONÇALVES, A. T. M. & OMENA, L. M. (Org.). *Memória e materialidade: interpretações sobre Antiguidade*. 1ed. Jundiaí, SP: Paco, v. 1, p. 151-166, 2018.

_____. Memória de viagem: a “uirtus” à luz da “Consolatória” de Sêneca. *Dimensões*, v. 26, p. 256-272, 2011.

FUNARI, P. P. A. Memória e esquecimento: narrativa sobre imperador romano e senador. *História*, v. 31, n. 01, p. 163-184, 2012.

PETERLINI, A. A. Uma visão senequiana da amizade. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 95-108, 1999.

PIERNAVIEJA, P. *Epistolografía latina*. Estudios clásicos, Tomo 22, Nº 81-82, p. 361-374, 1978.

REDONET, F. L. La consolatio de caecitate en la literatura latina. *Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea*, Tomo 54, Nº 164-165, p. 369-390, 2003.

_____. Elementos consolatoris en los proemios de obras retóricas y filosóficas de Cicerón (De oratore, Brutus, De amicitia) *Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea*, Tomo 48, Nº 147, p. 341-364, 1997.

_____. *Palabras contra el dolor. La consolacion filosofica latina de Ciceron a Fronton*, Madrid, ed. Clásicas, 2001.

ROLLER, M. The exemplary past in Roman historiography and culture. In: FELDHERR, A. (Ed.). *The roman historians*. New York: Cambridge University Press, p. 181-194, 2009.

SAUER, J. Consolatio ad Marciam. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 135-140, 2014.

_____. *Consolatio ad Polybium*. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 167-170, 2014.

_____. *Consolatio ad Helviam*. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 171-174, 2014.

SEITA, Mario. *Un'affaire politico-giudiziaria dell'antica Roma: l'attacco di Suillio a Seneca*. *Latomus*, T. 41, Fasc. 2, p. 312-328, 1982.

SERRA, J. B. Procedimientos retóricos en Séneca: Ad Lucilium II. *Studia Philologica Valentina*, Vol. 8, n. 5, p. 11-35, 2005.

SETAIOLI, A. Ethics I: Philosophy as Therapy, Self-Transformation, and “Lebensform”. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). *Brill's Companion to Seneca - Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 239-256, 2014.

VEYNE, P. *Sêneca e o estoicismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

VOLK, K.; WILLIAMS, G. D. (Eds.). *Seeing Seneca Whole: Perspectives on Philosophy, Poetry and Politics*. Boston: Brill, 2006.

Recebido em 16/9/2019 e aceito em 3/10/2019.